

Vi a morte de Matsangaísa

Dom. 25/12/88

— afirma Bernardo Cadeado, um jovem temperado pela guerra e com uma experiência invejável

O leão desta semana, embora jovem na idade apenas 29 anos, está já entre os chamados antigos nas fides militares. Não é um monstro mas no seu olhar pode-se ler o grande desejo de viver e de sacrificar tudo para a defesa da Pátria. Conhece as vivências dos soldados por dentro e por fora. Segundo ele é impossível imaginar quantas vezes esteve debaixo do fogo inimigo, desde os tempos do Pinhalonga, lá na fronteira com o Zimbábue, contra as tropas colonialistas portuguesas, passando pela guerra de agressão desencadeada pelo então regime da Rodésia do Sul, até ao momento presente contra o banditismo armado. Aliás ele afirma que participou no combate onde foi abatido o cabecilha dos BA's André Matsangaísa.

Chama-se Bernardo Cadeado, é natural de Manica. Nesta entrevista ele fala-nos da sua trajetória desde que em 1972, lá nos montes de Manica, a sua mãe depois de ter visto passar um grupo de guerrilheiros das FPLM perto da sua casa o aconselhou juntar-se a eles. Tinha então 13 anos. Mas deixemos que seja ele a contar a sua história, pessoal.

PERGUNTA: Disséste que foi a tua mãe?

RESPOSTA: Sim, estava a passar um regimento da FRELIMO pela machamba da minha mãe. Ela contactou com o comandante pedindo para que eu fosse com eles.

P: — Ela tinha conhecimento da existência da Frente de Libertação de Moçambique?

R: — Creio que sim, acho que ela queria ter a satisfação de ter um filho que também contribuiu para a libertação da Pátria e conseguiu.

P: — Com apenas 13 anos de idade. Como conseguiste sobreviver às privações do mato com esse idade?

R: — Naquela altura toda e qualquer contribuição para os guerrilheiros era válida. Fiz a preparação política/militar em Mavonde e naturalmente fui-me integrando,



P: — Podemos dizer que és um rebenta-minas?

R: — Para dizer a verdade, já combati em muitos sítios antes mesmo da independência do nosso País. Em 1975 até 1979 estive no Dondo. Depois fui transferido para a 4.ª Brigada da Infantaria Motorizada, no Batalhão que estava estacionado em Chingozi. Foi neste Batalhão que vivi os mais apaixonantes momentos de tropa. Foi quando foi abatido o André Matsangaísa.

P: — Podes contar como foi isso?

R: — Estou aqui para o fazer. Os primeiros confrontos foram em Gorongosa, Macossa e Marimbo. Atravessámos o rio Mapaze com objectivo de libertar Marringue que

estava sob controlo dos BA's. Ai houve guerra mano... libertámos muitas aldeias até chegarmos à Casa Banana, nessa altura o cabecilha Matsangaísa ainda estava vivo.

P: — Foi aí onde foi abatido?

R: — Sim, depois de quatro dias de intensos combates, os bandidos entraram em apuros. André Matsangaísa dirigiu um pequeno grupo e tentou assaltar a vila de Gorongosa com objectivo de pilhar comida às populações porque nas montanhas já não havia alimentação. Foi nessa operação que uma mina de morte o estilhaçou. Os bandidos conseguiram carregá-lo, foi levado de helicóptero. Depois deste combate de grande envergadura regressámos a Tete.

P: — Era o fim da aventura?

R: — O quê? Depois fui afecto em Sitatonga, Espungabera e participei noutros combates incluindo alguns que eram dirigidos pelo Tenente-General Sebastião Mabote.

P: — E depois...?

R: — Em 1980 presenciei uma cena deveras triste, vi o distrito de Dombe totalmente em cinzas. O inimigo esteve acampado no monte Chimanimane, só o descobrimos passado um mês depois de um longo e aturado patrulhamento... aí também houve guerra mano. Levámos sete dias para desalojar os BA's das montanhas.

P: — De 1980 para cá voltou a enfrentar a guerra de perto?

R: — Antes de ser transferido para Maputo em 1983 participei em combates em Marringue, Mungori, Chivue etc. Aqui em Maputo também já combati em Movenene e Matsequenha.

P: — E agora?

R: — Espero que seja escalado para reforçar o distrito de Chibuto vítima do recente ataque dos BA's.

P: — Como última questão, o que acha da Lei de Amnistia??

R: — Uma boa e orgulhosa oportunidade de reintegrar os perdidos. Conheço muitos ex-BA's que estão a trabalhar livremente, ao abrigo desta lei.